

EDIÇÃO
ESPECIAL

A VOZ DO MORRO

CARNAVAL
1987



Estação Primeira

MANGUEIRA

Carnaval 87

O Reino Das Palavras

Carlos Drummond de Andrade

Meu Pai

A imprensa costuma pedir-me depoimentos sobre meu pai e acho que, de certa maneira, já disse sobre ele tudo o que poderia. Tratando-se de pessoa tímida, que não gosta de aparecer, sai e recebe pouco, evita colóquios literários e foge de fotografias e reportagens indiscretas, todos querem saber como se ele na intimidade — como se o fato de lidar com versos o tornasse diferente dos outros homens, conheço bem e aceito esta sua maneira reservada de ser, que me agrada. Por isso, não me sinto de todo a vontade para repetir publicamente o que mais de uma vez contei pelos jornais, pelo rádio e pela televisão.

É possível que muito gente pense que seja fortuna singular, deliciosa ou extremamente difícil, nascer filho única de um poeta conhecido. Quanto a mim, sempre achei natural ter o pai que me tocou e com quem me identifiquei, sem reservas, humana e intelectualmente. De resto, nunca me vi sozinho por não ter irmãos, pois papai teve a astúcia de criar, para fazer-me companhia, uma irmã que era a minha cara, só que pretinha e encapetado, de nome Catarina. Depois havia as diversas familiares, que recordo com alegria e que, para surpresa minha, alguns julgavam estranhas, salamos, por exemplo, aos domingos, numa a destinos vários, entrávamos no cemitério para, em convívio singelo com o morto, ler as inscrições dos túmulos e carneiros e imaginar como fora o vida dos que lá repousavam; percorríamos os favelas de Copacabana, quando essa aventura, no Rio sereno de antes, ainda era permitida, ou iamos ao circo, Cambalhotas, então, tristeza — tudo se equalava naquela visão despreconceituosa do mundo.

Papai cultivava (e cultivava) um gênero de humor negro sem crueldade, que lembra Chaplin. Às vezes fingíamos ser mudos, surdos, cegos ou bobos e caminhávamos horas a fio pelo caso, em silêncio, executando gestos desco-

nexos. Se a brincadeira se prolongava, eu começava a temer que ela se tornasse irreversível e implorava a meu pai a volta à realidade.

A maioria dos nossos jogos girava em torno das palavras, das quais aprendi cedo a extrair ressonâncias fonéticas e potencialidades semânticas que beiravam o delírio. Assim, faziam parte do nosso léxico diário termos de botânica e zoologia, complicadíssimos e instigantes, o que atribuíamos significações novas, outras que inventávamos, deixando galopar a fantasia. Foi como "olhamenteriguanteamebante" passou a corresponder para nós ao supra-sumo da felicidade. No terreno verbal a liberdade era absoluta: ocupávamos tardes inteiras de chuva, arramando palavras engraçadas, que depois utilizávamos nos jogos de força ou de "lá vai meu barquinho".

Os primeiros conselhos literários, recebi-os, sem perceber, de meu pai, que não tinha, aliás, a menor intenção de ser cateadrático de nada. Sendo ainda muito pequeno, certo dia comecei a cantar, distraído:

Del rosa, del rosa,
Del cravo, del cravo,
Pra que eu fu ludir
A rosa mais linda
Do meu Coração?

Meu pai ouviu e gostou, ao saber que eu mesmo fizera o pequeno estrofe, explicou-me que eu acabara de compor um poema. Fiquei confuso e deslumbrado e, a partir daí, pude identificar o fenômeno poético, onde quer que ele se escondesse.

Vendo-me labutar nas primeiras composições escolares, mostrou-me ele que o mais importante era descrever a cena contida nos versos "coloridos" que eu colava no caderno: o caso de campo, com as vacas e galinhas, o "sala de aula", com meninas e meninos sentados diante das cartelas. Comprendi que a objetividade é essencial, na página escrita.

De outra feita, já no curso de admissão ao ginásio,

antei que eu me deixara "enroladinho" como "uma bola", mas a professora julgou por bem substituir a comparação pela seguinte: enrijecida como um feixe de varetas". Concluí que escrever bem era escrever difícil. Fazendo-me ver, posteriormente, que minha solução era melhor do que a da professora, papai me revelou, quase sem querer, que a simplicidade é superior ao esforço presunçoso...

Já mochinha, tentando burlar um conto, embalsuado de repente num qualificativo para "estrela". Ao meu lado, meu pai observou que era inútil pretender acrescentar novos atributos aos inúmeros que essa palavra, tão sugestiva, contém, pois, a estrela já é, em si, longínqua, de prata, de ouro, enigmática, bela, comovedora, tudo. Nunca mais esqueci de que é o substantivo que conta. Em outras circunstâncias, e sem entrar em contradição, ele me foi apontando como o verdadeiro escritor é o que sabe usar, na hora certa, adjetivos enriquecedores.

Devo minha formação literária às histórias que meu pai lia em voz alta para mim, na infância e na adolescência, eu deixado num sofá, onde os versos adormeciam. Começamos com "Coração", de Edmundo de Amicis, passamos às estreptações de Monteiro Lobato ao "Tesouro da Juventude", aos melhores contos universais, Góndola por ele, cheguei ao "Machado de Assis, Flaubert e Stendhal, mestres do conto", no que se refere à linguagem e ao mistério dos homens, e vici-me na frequentação de escritores. O melhor conselho paterno, nesse terreno: escrever é cortar palavras.

São essas algumas das lembranças mais nítidas que conservo de minha vida de menino e moço, junto a papai. O resto são o amor e respeito mútuos que nos uniram sempre, e que se afirmaram através do tempo. Isso, porém, só a poesia é capaz de transmitir.

Maria Julieta

O REINO DAS PALAVRAS

(Carlos Drummond de Andrade)

Autores do Samba:
Rody
Verinha
Bira do Ponto



Manguieira
De mãos dadas com a poesia
Traz para os braços do povo
Este poeta genial
Carlos Drummond de Andrade
Suas obras são palavras
De um reino de verdade
Itabora
Em seus versos ele tanto exaltou
Com amor
Eis aí a verde e rosa Bis
Cantando em verso e prosa
O que o poeta inspirou

É Don Quixote é
É Zê Pereira Refrão
É Charles Chaplin
No embalo da Manguieira
Olha as carrancas
Do Rio São Francisco
Rema, rema, remador
Primavera vem chagando
Inspirando amor
O Rio toma forma de sambista
Como o artista imaginou
Na ilusão de um sonho
Achei
O elefante que eu Refrão
Imaginei

THE KINGDOM OF WORDS

Manguieira
Holding hands with poetry
Brings to people's arms
This masterful poet
Carlos Drummond de Andrade
His works are words
Of a true kingdom.
BIS (Itabora
(In his verses he so praised it
(With love
(Here is the green-and-pink
(Singing in verse and prose
(What inspired the poet,
(It is Zê Pereira
REFRAIN (It is Charles Chaplin
(In Manguieira's samba
Look at the figureheads
of São Francisco river
Row, row, boatman
Spring is coming
Inspiring love
The river takes on the shape of a samba lover
Just as the artist dreamed
REFRAIN (In the illusion of a dream
(I found
(The elephant that I
(conceived).

PARTICIPANTES

PRESIDENTE
CARLOS ALBERTO DÓRIA
VICE - PRESIDENTE
WALTER MIRANDA

COMISSÃO DE CARNAVAL
CARLOS ALBERTO DÓRIA
WALTER MIRANDA
JULIO MATTOS
ELI GONÇALVES DA SILVA (CHININHA)
IRINEU PIRES
PERCIVAL PIRES
PEDRO PAULO LOPES
VANDELIER DÓRIA
RAIMUNDO DE CASTRO

ASSESSORES
ELMO JOSÉ DOS SANTOS
MARILIA BARBOZA
ARAMIS SANTOS
JAIR BRAGA
NILCEMÁR NOGUEIRA
CIRO RAMOS DE MOURA
FRANCISCO MANOEL DE CARVALHO
MARCOS ANTONIO GOMES
LUIZ GONZAGA DE ALMEIDA
ALBERTO SALES PONTES

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL
NEUMA GONÇALVES DA SILVA
EUZÉBIA SILVA DE OLIVEIRA (ZICA)
JAIR CAMPOS

1ª PÁGINA — ARTE
MELO MENZES

DIAGRAMAÇÃO E PRODUÇÃO VISUAL
LUIZ CARLOS MARTINS

PRODUÇÃO EDITORIAL
DEPARTAMENTO CULTURAL

VERSÃO PARA O INGLÊS
MARINA BRENNER

REALIZAÇÃO
EQUIPE FREE LANCER
ASSOCIARIA DE COMUNICAÇÃO
TEL.: (011) 289-6208

Meu Poeta

Afonso Romano de Sant'Anna

escola de samba é onde se dá a "prova dos nove" do escritor brasileiro. E ser enredado é a sua diplomacia. Muitos querem ir para a Academia e todos, miudamente, aspiram ao Prêmio Nobel. Mas a verdadeira glória é passar Drummond interpretado pela Mangueira.

Então, penso no seguinte: o lha o obra do poeta e tento vê-la como um grande enredo de escola de samba. Tento tirá-la das eruditas análises literárias, perguntando: qual o enredo da obra de Drummond?

O enredo de sua poesia, conta pelo menos três histórias: a de um indivíduo (o poeta) e a de um país e a própria história da poesia brasileira neste século. Essas três narrativas se misturam, se completam.

Alí está o poeta brasileiro que nasceu com o Modernismo (debochado e irônico), a poesia mais clássica que fez em torno de 1950 e a poesia novamente experimental dos anos 60.

Alí está o Brasil da República Velha, curtindo os restos da Monarquia, o país que começa com Getúlio em 1930, passa por grandes transformações econômicas e sociais e parte para a modernização nas últimas décadas.

Mas, ali, sobretudo, está a história de um indivíduo desdenhado, fatado e minado, que vem para a cidade grande, conhece a solidão coletiva, as aspirações sociais utópicas e se indaga o tempo todo sobre as grandes e mais belas questões humanas, como o amor e a morte.

Por isto, penso que o enredo dessa poesia poderia ser desdobrado de várias maneiras. Abrindo sua obra surge um "destaque", que vai dar sentido a todo o conjunto. É a figura do poeta gaúcho (desdentado, limado, exótico). Ele vem apresentado como um "anjo torto", como aqueles anjos barrocos de Minas. Foi assim que o próprio poeta se apresentou no primeiro poema de seu primeiro livro:

"Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem no sonho
disse: Vai, Carlos, ser gaúcho na vida"
Os outros destoaques, que poderiam o enredo seriam desdobramentos dessa personagem.

Chaplin ou Carillo, por exemplo. É uma figura que aparece várias vezes na obra de Drummond. Carillo também é gaúcho, vive metendo os pés pelas mãos, é um exótico, não consegue amar as mulheres certas, não consegue ter emprego, é poeta e é melancólico, e um contestador constante da sociedade.

Poderia, então, haver uma ala só de bailarinos vestidos de chapéu cônico, com aquela bengala, aquele jeito torto de andar ou dançar.

Outro destaque seria o José. "E agora, José?" Esse também é típico desdentado, sem família, vivendo à sombra das próprias indagações. Lá está esse "com a chave na mão" quer abrir o portão, não existe portão; "quer morrer no mar... / mas o mar secou; / quer ir para Minas... / Minas não há mais. / José e agora?"

Agora o destaque é o Elefante, o imenso animal da docura e paina, possente entre os homens, faminto de ternura, desengano e admirado na sua enorme estranheza. Outro destaque também meio surrealista e futurista é a letra K. Exatamente, aquela letra estranha e estrangeira que existe, que não se fala e que foi tema de um poema de Drummond ("Uma letra procura / o calor do alfabeto / a letra inapela / que exprime tudo, e se nada").

Destoaques é que não faltam nessa poesia. Lá vem, por exemplo, o Robson Crusoe, o homem que se refugiou como o poeta numa ilha e ali marcou a sua distância do continente dos homens, comprovando o que o poeta dissera: "o ilhéu é, afinal de contas, o refúgio último da

liberdade, que em toda a parte se busca destruir. Amemos a ilha".

São intermináveis as alegorias dessa obra, cujo destile começou com o "anjo torto". Por exemplo, ali está o Aporo. Uma ala toda vestida de Aporo, um ser de três naturezas, pois é ao mesmo tempo uma "orquídea", um "inseto" e um "teorema matemático". É difícil construir essa fantasia. Mas o poeta a costurou. Dançaram também meio desajeitado, o Aporo é o homem-inseto cavando em busca de uma saída, que pode ser lógica e matemática ou simplesmente bela como a luminoso solução do orquídea.

E para fechar essa sucessão de alegorias, erque-se na avenida dessa poesia uma Pedra, imensa pedra, aquela pedra que tinha no meio do caminho, porque no "meio do caminho tinha uma pedra, tinha uma pedra no meio do caminho". Pedra que pode ser o próprio vídeo ou a pedra filosofal do poeta, pedra barroca e torto onde assenta o poeta-gaúcho a meditar.

Encerra o destile aqui?

Não. Uma bela solução será introduzir a gigantesca alegoria de Máquina do Mundo. É a figura quádrica, que vem no fim da obra do poeta, foi usada por outros poetas, como Camões, Shakespeare e outros, e engranagem onde está contida toda a sabedoria universal. Nessa engranagem estão todos os sentimentos contraditórios, "essa total explicação da vida / do universo imenso e singular / e dos patóides e os impulsos e os tormentos / (...) / e o absurdo original e seus enigmas".

Mas para formar o destile dessa obra talvez mais nitidamente que está na orquestração da vida, talvez seja conveniente ainda dividir toda a escola de samba em três grandes momentos, que são os três grandes momentos do vídeo do poeta.

Refiro-me ao fato de que o enredo dessa obra se parece mesmo a uma peça de teatro. Ali o personagem gaúcho não apenas está desfarcado de José, letra K, Carillo, Robson Crusoe, Aporo, etc., mas existe um drama em três atos que correspondem às tensões entre o Eu e o Mundo.

No embate com a realidade, esse poeta que veio da província para a grande cidade passa por esses três momentos.

1. Eu maior que o mundo
2. Eu menor que o mundo
3. Eu igual ao mundo

O Eu maior que o Mundo se dá quando alhamos a realidade e partir de nosso jovem e provinciana inesperienza. Ali, arrogantemente podemos dizer: "Mundo mundo vasto muito / mais vasto é o meu coração". Achamos que com meio dúzias de ironias ou com uma atitude anarquista juvenal mudaremos as coisas.

O Eu menor que o Mundo, ocorre quando, como na obra do poeta, ele diz:

"Não, meu coração não é maior que o mundo. É muito menor."

Neste não cabem nem as minhas dores..."

Ali se tem uma certa humildade diante da complexidade do tempo, do amor da morte. Descobrem-se os grandes problemas sociais. O homem desce da jala do ser, pisa o ruo com os homens, alargase nas questões, experimenta o fato de que viver é expor-se a uma destruição idórea, que, paradoxalmente, é nossa oportunidade de construir algo.

Enfim, ocorre o Eu igual ao Mundo, quando o enigma do mundo se torna mais claro e resolve-se o equilíbrio (relativo) entre o Eu e o Real. O indivíduo, lá experimentou os violentos patóides e tensões da vida e aprendeu a viver entre a aparência e a essência, o tudo e o nada, o campo e a cidade, o passado e o futuro, o amor e a morte.

Tal a vida, tal a poesia.
Tal a poesia, tal o enredo na avenida.
Tal poeta, tal seu povo.
Mangueira é uma lição de poesia e vida.
Drummond é uma lição brasileira de poesia.



Mangueira de fila

A nação mangueirense, essa nação
altiva e pobre, toda musical,
celebra lá no morro suas glórias
que vêm de muito tempo, antes do samba,
e no samba se fazem vacacionais...
Este é Carillo, tímido e divino,
deixa a beleza a amora já passado,
sandaube amores novo e fervoroso...

Vem Magu, Juvenal e Saturnino,
Nelson Sargento, Paderninho, Cicero,
Carlo Cachaca, Zé-cum-Fome, Baco,
Pelado, Alfredo Portuguez tão valente,
Mestre Canabito, Hermes vacacionais,
Tudo vão desfilarão e nos vende
mais trancalante do que a mangueira-nova.

(O mestre-sala, lírica invenção
da Estação Primeira entre os primeiros.)
Um grupo valeroso de mulheres
passa, e repete sua tradição:
Tia Tomásta, dona de Arreguiros.
Dna Helena Gonçalves, Dna Zica
mangueira sublime, Dna Miuda
rainha negra, dan frutas e do fovo
outros mais, outros mais... Doz dofile,
alma do Carnaval aberta em flôr!

Carlos Drummond de Andrade

MANGUEIRA PARADES

The Mangueiran nation, this proud and poor nation, all musical, celebrates up in the hills its glories which come from very far, prior to the samba, and in samba they become national glories. This is Carillo, shy and divine, saying goodbye to bygone loves, welcoming new and blooming loves. Here come Magu, Juvenal and Saturnino, Nelson Sargento, Paderninho, Cicero, Carlos Cachaca, Zé-cum-fome, Baco, Pelado, Alfredo the Portuguese so our-own, Master Canabito, Hermes the idlerman! All pull the petals off the green rose, which smells stronger than a pink mango. (Oh, dance-master, lyrical invention of Estação Primeira among the firsts!) A valiant group of women passes by, and shines their tradition! Tia Tomásta, the lady of Arreguiros, Dona Helena Gonçalves, Dona Zica a sublime fish-stew maker, Dona Miuda negress queen, of fruits and on others more, still others... Sweet parade, soul of Carnival opened in bloom!

DRUMMOND

Nosso Enredo

Carlota, Jota Efefé e Carlos Drummond de Andrade.



Enfim, a realização de um velho sonho, há tanto tempo acalentado pelos corações da nação mangueirense. E, por que Drummond?

As cabeças elitistas insistentemente propõem esta pergunta, como se a poesia tivesse fronteiras, como se fosse impossível aos pouco letrados moradores do morro entender e habitar o reino das palavras do grande Carlos de Ilabira.

Só que não é bem por aí que a sensibilidade nos conduz. Drummond e Manguieira vivem uma história do amor bem antiga, Romeu e Julieta disfarçados pelas mesmas contingências que secularmente têm feito grandes amores viverem escondidos. A distância social, uma delas. A cultural, outra. A econômica, mais uma. O moço culto e tímido, dizendo à menina pobre e feiúra: "Suculentia Manguieira escorrendo calda de samba". O encontro foi lento e cultivado à distância.

O poeta se interessava por ela, ouvia seu som e se encantava por seus voltelos, "requebros febris".

Ela, tendo conhecida a poesia pelos versos solenes do outro Carlos, o irmão, Carlos Moreira de Castro, o

Carlos Cachá, estava pronta para receber o canto universal do namorado distante. Carlos Cachá cantara:

"Semente de amor sei que sou desde nascença,

Mas sem ter brilho e fulgor, eis minha sentença."
O namoro foi longo. A aproximação de Carlota com o poeta mineiro apressou o noivado, sobretudo quando Drummond afirmou:

"Ao gravar seu samba 'Quem me vê sorrir', o maestro Leopoldo Stokowski não lhe fez nenhum favor: reconheceu, apenas, o que há de inventividade musical nos camados mais humildes de nossa população."

A oficialização do compromisso, com assintatura e tudo, deu-se quando o noivo, em julho do ano passado, dedicou o seu muso o poema "Manguieira Desfilá."

Agora, neste domingo de Carnaval, está acontecendo o casamento; entra na avenida a Manguieira, garbosa, feiúra, com o enredo: "O Reino das Palavras — Carlos Drummond de Andrade."

Diante da alegria de ambos, da euforia pelo momento, da reciprocidade do amor transparente em cada rosto, só é possível encerrar como nos contos de fada: e viveram felizes para sempre...

Description of the parade

- | | | |
|---|--|--|
| First Scene:
"OPENING" | — Front Commission
— Poetry
— Genius | — The Notables — formed by Brazilian Popular Music poets and composers
— (feature) MARILENE SIMÕES
— (feature) MARCO ANTONIO |
| Second Scene:
"KINGDOM OF WORDS" | — Queen of Words
— Princesses of Words
— Love
— Pages to the Court
— Merriment, Court Jester | — (feature) SOLANGE SILVEIRA LOPES
— (feature) LÍDIA & WANDA FERREIRA
— (sections) ARTE E MANHA and INDEPENDENTES DA BOLIVAR
— (sections) TURISTAS & BALLIARTES
— (sections) OPÇÃO and ARMA COMIGO QUE VOCE SA! |
| Third Scene:
"THE SUGARMILL FARM" | — The Mill Owner
— The Owner's Wife
— Mill Owner and Wife
— Coffee Plantation | — (feature) MARLENE PIRATININGA
— (sections) NOBRES, GRANFINOS, FIRMEZA, ESFORÇADOS and AGUIAS DA MANGUEIRA
— (section) DEIXA ISSO PRÁ LA
— SKILLED DANCERS |
| Fourth Scene:
"STROLLS AROUND THE ISLAND" | — Birds
— Birds
— Tropical
— Junior Standard — Bearer and Dance | — (features) NADIA CRISTA, VILMA FLEURY, IONE and ANA RICHTINA ARRUDA
— (section) CHILDREN'S Section
— (sections) REIS and MIL E UMA NOITES — Master |
| Fifth Scene:
"QUIJOTE & SANCHE" | — Dulcinea
— Sancho — D. Quijote
— Medieval Prince
— Medieval Lady
— Medieval Squires | — (feature) ZINHA
— (feature) TONINHO DE OXOSSÍ
— (sections) FUNCIONÁRIOS
— (sections) BAIANAS GRANFINAS
— (sections) ZI CARTOLA and PETROMANGA |
| Sixth Scene:
"CARNAVAL IN OLD RIO" | — Bat
— Pirate
— Columbine
— Copacabana, night show
— Pierrot, my Rio
— Bahiana
— Gypsies
— Harlequins
— Pirates | — (feature) MARIA HELENA
— (feature) SUELEN
— (feature) COTINHA
— (feature) LANDOIA
— (feature) CARLOS VITOR
— (feature) MARIZETA
— (sections) FLAMANGA & COMIGO NINGUEM
— (section) ACOUJIR
— (sections) QUERO TER VER DE VER DE ROSA and DUQUES |
| Seventh Scene:
"CHARLIE CHAPLIN" | — Charlie Chaplin
— Limelights
— Charlie Chaplin
— The Prisoner | — (feature) LAERTE
— (feature) LENITA LOBO
— (feature) ACAUÁ
— (section) VENDAVAL
— SKILLED DANCERS |
| Eighth Scene:
"MINAS THAT I LOVE" | — Barroco Angel
— The Prophets
— The Glassworks
— The Goldwashers | — (features) WANDA ALENCAR and REGINA ANGELICA
— (sections) PRINCIPES and EMBAIXADORES
— (sections) HIPPIES, CHOVE E NÃO MOLHA and GRUPO TONINHO DE OXOSSÍ
— (sections) BRASAS and É COM NÓS MESMO |
| Ninth Scene:
"OROPA, FRANCA E BAHIA" | — Spain
— France
— Bahia
— Spanish Girl
— Torero
— Can-can
— Bahia | — (feature) CELESTE
— (feature) ABENAIDE
— (feature) MARIA RAMOS
— (section) IMPOSSÍVEIS and EMBALÓ
— (sections) FIDALGOS and REENCONTRO
— (sections) MIMOSAS and DEPOIS EU DIGO
— (sections) PANTERAS and CAPRICHOSAS
— SKILLED DANCERS |
| Tenth Scene:
"THE THREE RACES" | — Negro Race
— White Race
— Yellow Race
— Negro Race
— White Race
— Yellow Race | — (feature) ZÉ LUIZ
— (feature) SIMON BATES
— (feature) MARLENE ARRUDA
— (sections) NÓS SOMOS ASSIM, ELÉS E ELAS and PASSARELA DO SAMBA
— (sections) SAMBRASA and RENOVAÇÃO
— (sections) DEIXA COMIGO, BRASINHAS E BRASES |
| Eleventh Scene:
"SPRING" | — Spring
— The Flowers | — (section) SÓ VAI QUEM PODE
— (group) AU, AU, AU and MIRIAM BAIANA |
| Twelfth Scene:
"RIO TAKES ON THE SHAPE OF A SAMBA LOVER" | — Copacabana
— Pierrot
— Columbine
— Rogues | — (sections) MANGASUL and COPACABANA
— (section) SERESTEIROS
— (sections) NINGUEM É DE NINGUEM and CORTE
— (sections) EU QUERO É MAIS, GATINHAS E GATÕES and MENINAS DA PRAIA
— SKILLED DANCERS |
| Thirteenth Scene:
"THE ELEPHANT" | — Pul and Quêria
— Pul and Quêria
— Poetry Wing
— Poetry Wings
— The Geniuses of the Art | — (feature) BIRA E BARTO
— (section) CHILDREN'S Section
— (section) MOANA — (feature) T. SODRÉ
— (section) QUERO TER VER DE ROSA
— (sections) ALIADOS and ADVINHA O NOME
— THE OLD TIMERS
— TRADITIONAL BAHIANAS
— ALCIONE, BETH CARVALHO & ROSEMARY
— BAND SECTION
— COMPOSERS' Section
— PERIQUITOS, BOHEMIOS and SÓ PARA QUEM PODE. |

— Supporting Sections

Roteiro para desfile

- 1º Quadro:
"ABRE ALAS"
- 2º Quadro:
"REINO DAS PALAVRAS"
- 3º Quadro:
"A FAZENDA"
- 4.º Quadro:
"PASSEIOS NA ILHA"
- 5º Quadro:
"QUIXOTE E SANCHO"
- 6º Quadro:
"CARNAVAL DO RIO ANTIGO"
- 7º Quadro:
"CHARLIE CHAPLIN"
- 8º Quadro:
"MINAS QUE TE QUERO"
- 9º Quadro:
"OROPA, FRANÇA e BAHIA"
- 10º Quadro:
"AS TRÊS RAÇAS"
- 11º Quadro:
"A PRIMAVERA"
- 12º Quadro:
"O RIO TOMA FORMA DE SAMBISTA"
- 13º Quadro:
"O ELEFANTE"
- Comissão de Frente
- A Poesia
— O Gênio
- Rainha das Palavras
— Princesas das Palavras
— O Amor
— Pagens à Corte
— Alegria, Butão-Bobo da Corte
- Senhor de Engenho
— Senhora de Engenho
— Senhor e Senhora de Engenho
- Cafetal
—
- Péssaros
— Péssaros
— Tropical
Portas Bandeiras e Mestres-Sala
- Dulcinea
— Sanches-Dom Quixote
— Príncipe Medieval
— Dama Medieval
— Escudeiros Medievais
- Morcego
— Pirata
— Colombina
— Copacabana, Show da Noite
— Pierrô, Meu Rio
— Balana
— Ciganos
— Arlequins
— Piratas
- Charlie Chaplin
— Luzes da Ribalta
— Charlie Chaplin
— O Prisioneiro
—
- Anjos Berroco
— Os Profetas
— Os Vitrais
—
- Os Garimpeiros
- Espanha
— França
— Bahia
— Espanhola
— Touroiro
— Cancê
— Bahia
- Raça Negra
— Raça Branca
— Raça Amarela
— Raça Negra
- Raça Branca
— Raça Amarela
- A Primavera
— As Flores
- Copacabana
— Pierrô
— Colombina
— Malandros
- Pul e Querira
— Pul e Querira
— Asas de Poesia — T. Sodré +
— Asas de Poesia
— Os Gênios de Arte
- Ate de Apolo
- (destaque) MARILENE SIMÕES
— (destaque) MARCO ANTÔNIO
- (destaque) SOLANGE SILVEIRA LOPES
— (destaques) LÍDIA E WANDA FERREIRA
— (alas) ARTE E MANHA e INDEPENDENTE DA BOLIVAR
— (alas) TURISTAS E GALUARDES
— (alas) OPÇÃO e ARMA COMIGO QUE VOCE SAÍ
- (destaque)
— (destaque) MARLENE PIRATININGA
— (alas) NOBRES, GRANFINOS, FIRMEZA, ESFORÇADOS E ÁGUAS DA MANGUEIRA
— (alas) DEIXA ISSO PRÁ LÁ
— PASSISTAS
- (destaques) ALICE, VILMA FLEURY, IONE e ANA CRISTINA ARRUDA
— (ala) INFANTIL
— (alas) REIS e MIL e UMA NOITE (GRUPO MIRIM)
- (destaque) ZINHA
— (destaque) TONINHO DE OXOSSÍ
— (alas) FUNCIONÁRIOS
— (alas) BAIANAS GRANFINAS
— (alas) ZICARTOLA e PETROMANGA
- (destaque) MARIA HELENA
— (destaque) SUELEN
— (destaque) COTINHA
— (destaque) LANDOIA
— (destaque) CARLOS VITOR
— (destaque) MARIZETE
— (alas) COMIGO NINGUÉM PODE e FLAMENGA
— (ala) ACOLICIR
— (alas) QUERO TE VER DE ROSA e DUQUES
- (destaque) LAERTE
— (destaque) LENITA LOBO
— (ala) ACAUÁ
— (ala) VENDAVAL
— PASSISTAS
- (destaques) WANDA ALENCAR e REGINA ANGÉLICA
— (alas) PRÍNCIPES e EMBAIXADORES
— (alas) HIPPIES, CHOVE E NÃO MOLHA e GRUPO TONINHO DE OXOSSÍ
— (alas) BRAS e É COM NÓS MESMO
- (destaque) CELESTE
— (destaque) ABENAIDE
— (destaque) MARIA RAMOS
— (alas) IMPOSSÍVEIS e EMBALOS
— (alas) FIDALGOS e REENCONTRO
— (alas) MIMOSAS e DEPOIS EU DIGO
— (alas) PANTERAS e CAPRICHOAS
— PASSISTAS
- (destaque) ZÉ LUIZ
— (destaque) SIMON BATES
— (destaque) MARLENE ARRUDA
— (alas) PASSARELA DO SAMBA, NÓS SOMOS ASSIM e ELES E ELAS
— (alas) SAMBRASA e RENOVACÃO
— (alas) ÚLTIMA CHANCE e MENEISTRES
— (alas) DEIXA COMIGO, BRASINHAS e BRASÕES
- (ala) SÓ VAI QUEM PODE
— (grupo) AU, AU, AU e MIRIAM BAIANA
- (alas) MANGASUL e COPACABANA
— (ala) SERESTEIROS
— (alas) NINGUÉM É DE NINGUÉM e CÔRTE
— (alas) EU QUERO É MAIS, GATINHA e GATÕES e MENINAS DA PRAIA
— PASSISTAS
- (destaques) BIRA e BARTÔ
— (ala) INFANTIL
— (ala) MOANA - TEREZINHA SODRÉ
— GRUPO VERDE E ROSA
— (alas) ADOVINHAS O NOME e ALIADOS
— VELHA GUARDA
— BAIANAS TRADICIONAIS
— ALCIONE, BETH CARVALHO e ROSEMARY
— ALA DA BATERIA
— ALA DOS COMPOSITORES
— PERIQUITOS, BOHEMIOS e SÓ PARA QUEM PODE.

MANGUEIRA

Nosso Morro

Carlos Cachopa
Marília Barbosa
e Arthur de Oliveira
(Texto condensado
do livro Fala, Mangueira!)



O Morro da Mangueira só é chamado assim por quem não mora lá. Um mangueirense de verdade faz questão de identificar a residência através do nome do próprio "bairro".

O mais famoso é o "Buraco Quente", que o mapa da cidade insiste em registrar como Travessa Saitão Lobato, mas que nenhum morador chama assim por motivos óbvios. O apelido é muito mais agressivo. O Buraco tem Escola Municipal Humberto de Campos, construída em 1936 pelo Prefeito Pedro Ernesto Batista. Tem o barbeiro Mará, onde Carlos Cachopa vai bater papo e tomar Antartica. Tem também o Largo da Glória, onde, no passado, D. Joana fazia as famosas festas a cada 15 de agosto, dia da Santa.

Num ponto do Buraco chamado "Sete", morou, faz tempo, o conhecido Lino do Estácio. Conhecidíssimo para eles, já que nós, pobres de nós, só conhecemos o Lino quando ele mudou de nome e passou a se chamar Heitor dos Prazeres. No "vinte e um" morava o Seu Euclides, pai do João Cocado, que hoje pontifica na Vila Kennedy, mas não se esqueça de que foi no barraco do seu pai que se fundou a escola de samba. Tinha também a Tia Fé, crioula que se vestia de baiana o ano inteiro e era dona de um bloco e de um terreiro de macumba famosos nos anos vinte. A família de Tia Fé deixou história naquelas bandas. Na memória do Buraco Quente estão gravados a fogo os nomes de grandes valentes do

passado. Quando dissolveram o Bloco dos Arengueiros para formar a Escola de Samba Estação Primeira, transformaram-se, eles mesmos, em guardiões do pavilhão verde e rosa, lá organizados que ninguém os reconhecia.

Já que os "casos" do Buraco também não têm limite, a gente vai dar uma chegadinha no "Chalé". O nome primário de um dos primeiros proprietários, chamado Bartolê, ter construído, lá, em cima, um belo chalé para sua residência. Como o ponto de referência para os outros moradores fosse o "chalé do Bartolê", a abreviação se explica fácil. O morador mais importante do morro do Chalé é Seu Adelino Bastos, o Ruço da Amélia. Ruço recorda com orgulho o tempo em que morava no "Santo Antônio", morro que ganhou este nome quando o "Santo Antônio" do Largo da Cariaca pegou fogo e os moradores se transferiram para a Mangueira, lá, entronizando a imagem do Santo. Desapropriado em 1964, o Santo Antonio transformou-se hoje no bairro chique, a Barra de Tijucas da Mangueira. É o edifício de apartamento em construção. De cimento, alvenaria, vários andares. Edifício mesmo, nada de barracos. Era de lá que no início do século foram os Pastorinhos do Seu Laurindo, pai de D. Caçilla, avô do falecido Pelado. Seu Laurindo era também patrono do "Depois das Sete" e da "Escola de Samba Unidos da Mangueira", rosa azul-pavão, rival do verde e rosa do Buraco Quente. Da ala de compositores da Unidos fizeram parte Geraldo Pereira, Nel-

son Sargento, Alfredo Português, Pelado, Zagala e de vez em quando até Nelson Cavalcinho.

Outro bairro é o "Candelária", assim conhecido por ter sido a área doada à Irmandade da Candelária para a construção de um hospital que nunca ficou pronto.

A "Vacaria", situada acima do Santo Antônio, foi no passado uma vacaria mesmo. Outra localidade cujo nome provém da atividade que nela se exercia, é a "Olaria", memória à Olaria do Gama, instalada no morro por volta de 1900. La morou e morreu o maior dos valentes, Chico Porto, padrinho do atual presidente, Carlos Alberto Dória.

Filha de Saturnino, fundador e 1º Presidente da Estação Primeira, Neuma mora no Largo do Sossago, cá embaixo, bem na Visconde de Niterói. Explica que o nome de seu "bairro" é uma ironia dos moradores, pois houve tempo em que malandros ali não dava sossego a ninguém. Balar-te da tradição verde e rosa, reside até hoje na mesma casa onde viveu seu pai. Viveu e morreu prematuramente, a 29 de abril de 1935, com 36 anos de idade, nos braços de Cartola e Alfaite.

A esquerda de Neuma, perto do Bar do Gordo, onde se come um bom angu, e da Maricada, pensão lá com um certo nome, pouco frequentada a hora da almoço pelos fun-

cionários de empresas públicas vizinhas, mora D. Irene, muata gorda, de 70 anos, nascida ali mesmo, que sai até hoje na Ala do Embal. D. Irene é mãe de Lício, substituto de Delegado de Pernambuco; um tal de Manuel Faria, lá abriu uma tendinha. O local começou a ser muito frequentado pelos moradores, que dizem: "Vou pro Faria". "Te encontro no Faria", nascendo daí o novo topônimo. O pernambucano transformou-se, no morro, em dono do morro, respeitado e valente, mas acabou assassinado por um cabo do Exército.

No outro lado do morro fica o "Pinduro Saia", também conhecido como "Fundação", já que lá funciona atualmente a Fundação Leão XIII. O nome teve origem nas roupas que as numerosas lavadeiras do local penduravam na corda.

É isso aí. Vista aqui de baixo, é a Mangueira, uma elevação de terra que tem seu lado mais conhecido (a frente) limitado pela Rua Visconde de Niterói. O lado esquerdo, margeado pela Rua Ana Néri, que termina no Largo do Pedregulho. Ali começa a São Luiz Gonzaga, limite dos fundos. A direita fica a Quinta do Boa Vista. A Mangueira fica perto do Maracanã, de Vila Isabel, de São Cristóvão, do Jacaré. Mas "vista assim do alto", aquilo é Buraco Quente, é Faria, é Candelária, é Olaria. "Pinduro Saia". Tem uma comunidade

glria corrente na comunidade, nos anos 50. Os nomes dos "bairros" mudam, vez por outra. Foi o que ocorreu com o morro da Tia Venância, onde um dia apareceu, vindo de Pernambuco, um tal de Manuel Faria, lá abriu uma tendinha. O local começou a ser muito frequentado pelos moradores, que dizem: "Vou pro Faria". "Te encontro no Faria", nascendo daí o novo topônimo. O pernambucano transformou-se, no morro, em dono do morro, respeitado e valente, mas acabou assassinado por um cabo do Exército.

No outro lado do morro fica o "Pinduro Saia", também conhecido como "Fundação", já que lá funciona atualmente a Fundação Leão XIII. O nome teve origem nas roupas que as numerosas lavadeiras do local penduravam na corda.

solidária, que se ajuda como pode. Tem três atuais associações de moradores, a da Mangueira, e a Candelária e a do Telégrafo, onde Israel, Arruda e José Roque trabalham com o linco. É tem o Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira - Mangueira, orgulho desta cidade nos dias de carnaval. Orgulho de todos nós, do lado de cá. Mas que nasceu do lado de lá, de uma comunidade formada por pessoas negras na maioria, de baixa renda, baixíssima escolaridade, pouquíssima oportunidade de ir para frente, mesmo depois de 1888.

É isso aí. Vista aqui de baixo, é simplesmente um morro da VII Região Administrativa, ocupando uma área de 10 km², com densidade demográfica de 9.000 habitantes por km².

Vista assim do alto, mais parece um céu no chão... Para se entender, tem que se achar que a vida não é só isso que se vê; é um pouco mais. Que os olhos não conseguem perceber; que os mãos não ossem tocar; e os pés recusam pisar. Sei lá, não sei. Sei lá, não sei não. A Mangueira é tão grande, que nem cabe explicação...

* Parte da letra do samba Sei lá Mangueira de Paulo Sérgio, Viçla e Hermínio Bello de Carvalho, composto em 1986 e gravado no IV FASE, onde se classificou entre os finalistas, sendo por Elza Soares.

MANGUEIRA

Nossa Escola

No fim da década de 20, um novo tipo de agremiação começou a surgir e a se fixar durante os festejos carnavalescos — as chamadas Escolas de Samba. Até então, as principais modalidades de diversão nos três dias dedicados a Momô eram os desfiles das Grandes Sociedades, os Ranchos e o Corso. As Grandes Sociedades, vindas do tempo do Império, apresentavam-se na terça-feira de carnaval. Os Ranchos, na segunda-feira, e o Corso, no domingo, mas aproveitava ainda o tempo restante dos desfiles das Grandes Sociedades e dos Ranchos.

As Escolas de Samba distinguiram-se sobretudo pela apresentação de um ritmo novo — O SAMBA — ressaltado por uma orquestra de instrumentos de percussão e pela coreografia folclórica correspondente. Ritmo, instrumental e dança predominantemente influenciados pela contribuição dos descendentes de africanos. Dentro da realidade brasileira, pode-se até avançar uma generalização pouco rigorosa: as Grandes Sociedades, ricos, inspiradas em modelos europeus e brancos; os Ranchos, remediados, ligados a tradições nacionais oriundas das raízes portuguesas, indígenas e negras da nossa cultura, e mulatos; as Escolas de

Samba, pobres, influenciadas pelos remanescentes das culturas africanas, e negras.

Cerca de meia dúzia de décadas depois do seu aparecimento, as Escolas de Samba superaram por completo as Grandes Sociedades, os Ranchos e os Corsos. Constituíam o grande momento do carnaval, não só no Rio de Janeiro, berço onde nasceram, como na maioria das grandes cidades do Brasil, excetuadas aquelas em que uma tradição local muito forte impedia a invasão, como Recife, Olinda ou Salvador.

Em 28 de abril de 1928, sete homens reuniram-se no

Buraco Quente, no Morro da Mangueira e fundaram a Estação Primeira de Mangueira, uma das mais antigas Escolas de Samba. Os FUNDADORES foram, em ordem alfabética: Abelardo da Bolinha, Agenor de Oliveira (Cartola), Euclides Roberto dos Santos (seu Euclides), dono da casa onde se realizou o encontro; José Gomes da Costa (Zé Espinguela), Marcelino José Claudino (Marçul), Pedro Carneiro e Saturnino Gonçalves (1º Presidente da Mangueira). Hoje estão todos no Além.

Entre esses fundadores, todos de igual importância para a Mangueira, projetaram o seu nome tam-

1.ª Ala de compositores da Mangueira. Em pé: Queudinho, Adolfo Polonês, Negro, José Ramos, Geraldo da Pedra, Massu, Cartola, Carlos Cochara, Zagaia e Aliaute. Sentados: Aloísio Dias, Edson Cháfolo, Zezé e Rainieris.



bém fora do ambiente do Grêmio e da Comunidade. José Espinguela promoveu o primeiro torneio entre Escolas de Samba, realizado em sua casa no Engenho de Dentro, no domingo 20 de janeiro (Dia de Oxossi) de 1929. Quando Stokowski, em 1940, gravou dezesseis músicas brasileiras para lançar nos Estados Unidos, orientado na escolha do repertório pelo Maestro Villa-Lobos, incluiu entre elas três obras e José Espinguela (até 20%). Nesse mesmo ano, Villa-Lobos utilizou José Espinguela para coordenar a formação da Sociedade do Cordeão, grupo destinado a reviver os carnavais do início do século, sobnhação iniciativa do nosso grande compositor.

esteu centenário de nascimento estavam festejando este ano. Marçul, primeiro mestre-sala da Mangueira, foi também o primeiro mestre-sala de todas as Escolas de Samba, pois foi ele quem introduziu as figuras do mestre-sala e do porta-bandeira nas escolas. Figuras até então só utilizadas pelos Ranchos.

Cartola, fundador da primeira Ala de compositores de Escola de Samba, revelou-se um dos mais importantes compositores de Música Popular Brasileira.

Além dos sete fundadores, a Mangueira tem tido a cultura popular grande número de elementos de valor: músicos, compositores, cantores, artista plásticos. Na impos-

ibilidade de mencioná-los todos, vamos representá-los na figura de Aluísio Dias, atual presidente da Ala do Verde Guarda da Mangueira, violinista, autor de lindas sambas participante como violonista da famosa gravação de Stokowski, a professor de violão de Geraldo Pereira e Nelson Sargento.

Quatro fatos ocorridos no ano passado mostram bem até que ponto a Mangueira está ligada à cultura brasileira. No último carnaval, Mangueira foi campeã apresentando o enredo que homenageava Caymmi e a Bahia. Em junho, Carlos Drummond de Andrade, que vários vezes já se referira a Mangueira na sua obra, dedicou um poema

a nossa Escola transcrita no Jornal A VOZ DO MORRO. Pois somos a única Escola de Samba que publica um Jornal. Em julho, faleceu em Natal (RN) Luiz da Casca Curado, autor de mais de duzentas obras fundamentais para o conhecimento da realidade nacional. Dizia esse grande folclorista: "Sou velho devoto de Mangueira, desde muito tempo do palhinha e comissã listada, ao expulcor contemporneo". Pouco depois disso, foi lançada a edição de 500 cruzados, com uma imagem de Villa-Lobos, iniciando as comemorações do Centenário de Nascimento do grande compositor. E Villa-Lobos era muito ligado a Mangueira desde os primeiros anos da década de 30. Foi ele quem assessorou com José Espinguela e com Aluísio Dias para formar o Sodade do Cordeão, e quem frequentava com assiduidade uma birrosca que ainda hoje existe no mesmo lugar no Buraco Quente. Em 1966, a Mangueira apresentou o enredo Exaltado à Villa-Lobos, em homenagem a esse seu grande e célebre amigo.

Agosto, mês 1957, a Estação Primeira fez o desfile de Lima, traz para a Passarela do Samba a Rainha das Palavras, Carlos Drummond de Andrade para que o povo tenha oportunidade de apreciar a beleza da arte plástica e musical dos poemas do genial poeta de Itabora.

JAMELÃO

Nossa Voz

José Bispo Clementino dos Santos, (nome de batismo de Jamelão) nasceu em São Cristóvão, na Rua Fonseca Teles, onde morou até aos 9 anos. Mudou-se então para o Engenho Novo e depois para Vila Isabel, onde mora até hoje.

Foi levado para a Mangueira por um sambista famoso, Lauro dos Santos, o Gradim. Tinha quinze anos, ingressou na bateria da Escola e lembra saudoso os tempos dos desfiles da Praça Onze; com a lendária "batanca", onde os malandros iam cantar.

No início da década de 50, quando já era cantor profissional consagrado, em virtude de problemas com a falta de um solista para a Escola, foi convidado a puxar o samba-enredo da Mangueira. Desde então, foi sempre o puxador oficial da Verde e Rosa nos desfiles de Carnaval. Durante todas essas quatro décadas incompletas, o vozêiro inconfundível de Jamelão embolou os passistas da Estação Primeira nos desfiles, exceto no ano de 1955, quando chegou atrasado de Nova York, onde era fora voz um show.

Além de cantor, Jamelão também compõe. Em 1955, a Mangueira desfilou ao som de voz de Jamelão cantando um samba seu, de parceria com Nelson Sargento e Alfredo Português, por sinal um samba antológico, que jamais será esquecido: As Quatro Estações do Ano.

No desfile deste ano de 1987, a Mangueira poderia contemplar seu querido Jamelão puxando o samba do Grêmio, e cantar para ele os versos que ele próprio compôs:

"Brilha no astro-rei com fulgorão,...

ALEGORIAS

Nelson Sargento

A designação ALEGORIA era relativa às Grandezas Sociais. As Escolas de Samba era um caramanchão, que se denominava enredo.

As alegorias dos enredos eram montadas nos chassis das carroças do Limpeza Pública (hoje COMURB), puxadas por tração animal e conduzidas pelos funcionários da repartição. Eram alegorias enormes, com mulheres bonitas e semi-nuas, que comparadas com as atuais estavam até com muita rocha. Diziam que as mulheres que desfilavam eram as nossas melhor sociedade, porém outros diziam que eram mulheres de "vida alrosa".

As Grandes Sociedades eram quatro ao cinco. Carros feericamente iluminados por fogos de Bengala, temas nacionais ou estrangeiros, nos moldes das carros alegóricos de hoje, porém os carros mais visados pelo povo eram os carros de crítica. As grandes Sociedades eram Democráticos, Fenianos, Pierrês da Governas e Tenentes do Diabo.

Dois agremiações disputavam a preferência da torcida: os Democráticos nas cores preta e branca, e os Tenentes do Diabo, nas cores vermelha e preta (coisa de Vasco e Flamengo). Era uma disputa acirrada e o desfile era na terça-feira gorda.

A Mangueira é a pioneira de muito coisa que existe hoje no chamado mundo do samba, sendo vejam os prospectos de (aqueles impressos com a letra do samba), a venda de

carroça, a Ala dos Compositores (fundada pelo Cartola), a primeira grande quadra de samba, o destaque de fantasia, o primeiro samba dentro do enredo (no ano de 1933, composto pelo Carlos Cochara), uma mudança radical nos alegorias.

No carnaval de 1948, a Mangueira apresentou-se com o enredo VALE DO SÃO FRANCISCO. As alegorias foram executadas por um coreógrafo profissional de nome Armando de Tal, funcionário do Casa de Moeda do Rio de Janeiro. Foram montadas em quatro carros enormes para a

época — hoje seriam simples lanternas — lanternas iluminadas com lâmpadas de lanterna (antes usava-se bombas elétricas de arborito) e alto falante alimentado por bateria. Até a tradicional FEDE Cochara), uma mudança radical no carro que mais encantou, foi o que apresentou a Cochara do Paul Afonso, um retrato perfeito, jorrando água.

Hoje se faz muita coisa fantástica, mais sofisticada, dado o avanço tecnológico. Resta, porém, a Mangueira o exemplo de seus pioneiros de tantos aertos ou erros na vida das Escolas de Samba

VELHA GUARDA Alicerce da Escola

ALUIZIO DIAS
PRESIDENTE DA VELHA GUARDA

S into um prazer imenso em falar da minha "MANGUEIRA" porque, graças aos esforços, lutas e os obstáculos múltiplos que nós veteranos tivemos que enfrentar e transpôr nestes 50 anos de dedicação, laperdo e amor, hoje postos de lado, tratados assim como essa velharia que tem mais é que morrer... por alguns daqueles que se já encontrando tudo pronto não têm nada da grandiosidade da obra realizada, temos hoje a satisfação de ver e sentir que valeu a pena nosso esforço. Ao assimilarmos, na pompa dos desfiles, na força, evolução e progresso da samba, que é indistricavelmente a atração dos Turistas que vibram à passagem de cada Escola na Marquês de Sapucaí, trazendo cada uma em seu bôlo as figuras impressionantes dos seus forrês, rijos e entusiasmos veteranos formando sua respeitável VELHA GUARDA, dando seu exemplo de amor, união, fé e persistência aos moços de hoje que serão os velhos de amanhã, numa demonstração de que eles não irão concorrer a meta que alcançamos terão de formar uma corrente muito forte, unida por elos insensíveis a toda sorte de fraquezas e dissidências, prevalecendo acima de tudo a força de vontade na firme decisão de que

em qualquer circunstância em primeiro lugar está a Escola. Assim veio com prazer a minha VELHA GUARDA, caminhando para a frente e para o alto. Fundada em 1.600 — PEDRO PORRAO — MANOEL DA LEITERIA — CARTOLA — CARLOS CACHACA — NELSON CUICA — FÉ GRANDE — LAGO — PEDRO PALHETA — ALFAIATE — ALFREDO PORTUGUÊS e dezenas de outros, viveu seu apogeu durante dois ou três anos, depois como só acontecer, surgiram as polticagens, os desconfortos e os do contra que enfraquecem as bases dos menos precavidos e dos de boa vontade. Resurgiu na década de 70, mas reunindo-se fora da sua casa porque, por motivo inexplicável, ficou à margem. Só em 1977, na gestão do Presidente BIRA, que um gesto muito simpático e na demonstração de um especial carinho, abriu os salões e franqueou-lhe a quadra, passou a mesmo a ser parte integrante da Escola com tudo a que tem direito e fazendo-se merecedora do respeito e do carinho de todos. Gesto muito digno de registro. OBRIGADO PRESIDENTE BIRA. E, então, veio a Velha Guarda fazendo suas apresen-



CHICO PORRAO, ARENGUEIRO, SÓCIO Nº 1

tações de Rodas de Samba, Partido Alto cantado e executado nos cordões dos violões e cavaquinhos, mostrando o que era e como era a samba antigamente, com seus versos de improviso e suas pastoras dizendo no pé e no balanço cadenciado das suas cadeiras naquele mexe e remexe de cima em baixo, como disse o nosso saudoso Geraldo Pereira.

No dia 28 de junho do corrente

ano fui eleito por aclamação Presidente da Velha Guarda para o triênio 86/89, tendo o Presidente da Escola Sr. Carlos Dória, muito me incentivado, recomendando-me aos seus diretores e dando à Velha Guarda todo o apoio da sua administração, mantendo sua tradicional apresentação todos os sábados a partir das 19 horas. É um prazer muito grande, após os lutos segundo a sexta-

feira atendendo e resolvendo os problemas do dia dia, vemos chegar o sábado para, em seleta e festivo reuio, fazermos aquela higiene mental e recrear o espírito numa só alegria sentindo a presença dos amigos de perto e de longe.

Estamos pretendendo lançar uma nova atração dentro em breve que se denominará RECALDO DA VELHA GUARDA, com atrações, brindes, dança, samba, etc. Ideias, inovações e sugestões não muitas e deverão ser postas em prática no decorrer do tempo e no momento oportuno, pois a nossa satisfação é contagiar o nosso público amigo com a nossa só alegria, e o ideal de bem servir.

E assim, após anunciar nossos projetos e futuras realizações deixo aqui o meu agradecimento aos componentes da diretoria pela realização e êxito dos empreendimentos realizados extensivamente a todos que de boa vontade também participaram dos acontecimentos. E a vocês que compareceram e a vocês que compareceram alegre e engrandecida a Velha Guarda com a sua presença recebida, o meu abraço carinhoso. Traga seus amigos, junto-se a nós com sua simpatia reconfortante lembre-se sempre da Velha Guarda da Mangueira e do convite que vos faz o amigo de sempre.

MANGUEIRA NOS DESFILES

As competições entre Escolas de Samba tiveram início no domingo 20 de fevereiro de 1929, com a disputa em Engenho de Dentro de um único quesito — o melhor samba — entre Mangueira, Portela (Conjunto Escola de Samba de Oswald Cruz) e Estácio.

Nos carnavales de 1930 e 1931, não se tem notícia da existência de concursos formais, entre Escolas de Samba com classificação de vencedores.

Em 1932, o jornal MUNDO ESPORTIVO patrocinou o primeiro concurso em moldes semelhantes aos de hoje. Nesse ano até agora, houve sempre competição entre Escolas de Samba. O desempenho da Mangueira neste período foi o seguinte: *

Em 20 de janeiro de 1934, houve um desfile em homenagem ao Prefeito Pedro Ernesto, no Campo de Santana, surgindo-se campê a Mangueira. No carnaval o jornal A HORA patrocinou um desfile no qual o agrupamento vencedor seria apontado por

voto popular. A Mangueira navegou a concorrer e os promotores do evento resolveram realizar o desfile sem escolher vencedores. Não houve, portanto, competições em 1934.

Em 1937, o delegado Dulcídio do Espírito Santo resolveu deslugar a eletrificação e encerrou a apresentação das Escolas quando ainda faltavam desfilarem 14 Escolas, entre as quais Mangueira. Prazer da Serrinha e Unidos do Tijuca, nestas condições, foi vencedora a Escola Visinha Faleadeira.

Em 1938, uma chuva torrencial impediu que dois dos três quadros comparecessem. O que compareceu retirou-se logo, de modo que as trinta e cinco Escolas inscritas desfilaram com chuva e tudo, mas não houve vencedores. Em 1952, aconteceu pouco mais ou menos a mesma coisa: chuva torrencial, os quadros retiraram-se, as Escolas desfilaram apesar da chuva, mas não houve vencedores.

Em 1960, ficaram classificados

em 1º lugar cinco Escolas. Mangueira, Portela, Império Serrano, Selvaqueira e Unidos da Capela.

Em 1980, também ficaram classificados em 1º lugar mais de 1 Escola: Portela, Beijo Flor e Imperatriz Leopoldinense. Essas três agremiações conseguiram nota máxima em todos os quesitos, coisa que só havia acontecido uma vez em 1953, com a

Portela, sob a presidência de Armando Santos.

Em 1986, a Mangueira campê do carnaval, quase repetiu essa façanha. Alcançou nota máxima com todos os jurados, exceto com o jurado Tereza Gurg, encarregada de julgar Alegria. Adereços, que nos deu nota 9 (nove) no quesito.

1932 - 19	1942 - 39	1952 -	1962 - 49	1972 - 20	1982 - 49
1933 - 19	1943 - 29	1953 - 20	1963 - 20	1973 - 19	1983 - 50
1934 -	1944 - 20	1954 - 19	1964 - 30	1974 - 49	1984 - 10
1935 - 29	1945 - 29	1955 - 29	1965 - 40	1975 - 29	1985 - 79
1936 - 29	1946 - 20	1956 - 30	1966 - 29	1976 - 29	1986 - 19
1937 -	1947 - 29	1957 - 39	1967 - 19	1977 - 79	
1938 -	1948 - 49	1958 - 30	1968 - 10	1978 - 29	
1939 - 29	1949 - 19	1959 - 49	1969 - 29	1979 - 49	
1940 - 19	1950 - 19	1960 - 19	1970 - 20	1980 - 49	
1941 - 20	1951 - 25	1961 - 19	1971 - 49	1981 - 49	

Transcrito de "A VOZ DO MORRO", nº 2, Junho/86

Estandartes de Ouro da Mangueira

No carnaval deste ano, o prêmio "Estandarte de Ouro" promovido pela Glória completou 15 anos, ao longo do qual foram entregues 207 (duzentos e sete) troféus. Entre os ganhadores premiados, alguns foram recordados como a melhor-sala Eício PV e a porta-bandeira Neide.

cada um com cinco Estandartes. Entre as Escolas, a Estação Primeira escolheu a melhor número dadas — com 33 (trinta e três) em diferentes categorias: melhor Império Serrano (27 Estandartes), Portela (23 Estandartes), Selvaqueira (21 Estandartes) e Mocidade Independente (18).

Prêmios Estandarte de Ouro ganhados pela Mangueira:

- 1972 — mestre-sala, Zequinha; porta-bandeira, Neide; destaque masculino, Carlinhos do Fandango.
- 1973 — mestre-sala, Eício PV; porta-bandeira, Neide; ala Baianas da Mangueira.
- 1974 — porta-bandeira, Neide; destaque masculino, Jamello.
- 1975 — porta-bandeira, Neide; destaque feminino, Neuzem; melhor estandarte, 1976 — porta-bandeira, Neide; destaque masculino, Waldemir.
- 1977 — destaque masculino, Comissão de Frente.
- 1978 — mestre-sala, Delagado; destaque feminino, Nina; melhor comissão, Comissão de Frente; personalidade feminino, Zica.
- 1979 — destaque feminino, Zinha; personalidade masculino, Pelado.
- 1980 — porta-bandeira, Mocinha; destaque masculino, Lorete.
- 1981 — porta-bandeira, Mocinha; destaque feminino, Furruca.
- 1982 — mestre-sala, Delagado; puvador, Frente.
- 1983 — ala, dos Dupes.
- 1984 — melhor escola, Mangueira; porta-bandeira, Mocinha; destaque feminino, Maria Helena; melhor possente masculino, Indo.
- 1985 — personalidade feminino, Tatiana.
- 1986 — ala mirim, Mangueira.

Transcrito, de "A Voz do Morro", nº 4

Agosto/86

Leia a Voz do Morro,
órgão oficial da
G.R.E.S.E.P. de Mangueira

PUBLICAÇÃO MENSAL — DISTRIBUIÇÃO GRATUITA